

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**BÁRBARA GONÇALVES**

***MIRTES APARECIDA DA LUZ, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: ENTRELAÇANDO  
EXPERIÊNCIAS***

**MATINHOS**

**2024**

**BÁRBARA GONÇALVES**

***MIRTES APARECIDA DA LUZ, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: ENTRELAÇANDO  
EXPERIÊNCIAS***

Artigo apresentado como requisito parcial à  
conclusão do curso de Linguagem e Comunicação,  
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Robson Custódio  
Co-orientadora: Dra. Natalia Gomes

**MATINHOS  
2024**

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. CONCEIÇÃO EVARISTO:CONTRIBUIÇÃO PARA A LITERATURA..	9
3. MIRTES APARECIDA DA LUZ: TRANÇAS, SENTIDOS E ESCREVIVÊNCIA.....	13
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25

## RESUMO

Este trabalho discute o conceito de *escrevivência*, elencado por Conceição Evaristo, entendido como um modo de escrita que nasce a partir da experiência individual e social do cotidiano próprio do povo negro. Investiga-se essa questão por meio da análise do conto *Mirtes Aparecida da Luz* (2024), que tem como personagem principal a Mirtes da Luz uma mulher negra e com deficiência visual que passa por diversas questões vinculadas ao capacitismo, machismo e racismo. A prática de trançar os cabelos é um patrimônio cultural imaterial (Santos, 2019), ou seja, está muito além de algo meramente estético. O objetivo é evidenciar o ato de trançar enquanto movimento de cura e resgate ancestral, assim como a escrita de si. Desse modo, para realizar tal análise, utiliza-se além do conceito de *escrevivência*, os conceitos de interseccionalidade, de Carla Akotirene, e o de Racismo Genderizado, de Grada Kilomba.

**Palavras-chave: escrevivência; corpo; trança; deficiência visual; interseccionalidade.**

## Introdução

Sou uma mulher negra de pele clara e cabelo crespo. Meu cabelo sempre fez e faz parte da minha identidade.

Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (Gomes, 2019, p. 24).

Tive meu primeiro contato com a trança nagô aos dois anos de idade. Nesse tempo ela ainda tomava forma em seu significado para a minha corporeidade. Durante muito tempo a trança me acompanhou em uma luta a fim de “domar” o meu cabelo crespo, pois quando me olhava no espelho eu não sorria com aquilo que eu tinha em cima da minha cabeça.

Mesmo que a textura crespa do cabelo não seja exclusiva dos povos africanos, o racismo lhe impõe um reducionismo perverso, e a sociedade brasileira aprendeu a olhá-la como sinal não só de mistura, mas a parte considerada socialmente e “biologicamente” inferior da mestiçagem (Gomes, 2019, p. 25).

Durante muito tempo, nas minhas relações sociais, o meu cabelo foi alvo de críticas e segregação, e por reflexo, para mim, o meu cabelo crespo era sinônimo de vergonha.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito (Gomes, 2019, p. 25).

Resultando em um alisamento aos 9 anos de idade. A ideia de que eu carregava um fardo através dos meus cabelos crespos era muito latente, sendo essa ideia implantada com um discurso de que alisar seria a opção de acabar com esse fardo.

Cortar Criou-se, portanto, a ideia de que alisar os cabelos significava romper com uma difícil batalha- que, por sua vez, só é difícil porque nos fizeram acreditar nessa narrativa. O que não nos avisaram, entretanto, foi que alisar nossos cabelos pela primeira vez nos conduziria a um novo combate, do qual seria bem mais difícil sair. (Bittencourt, 2022, p.29)

Mas tudo passa a mudar a partir do momento que eu me dou conta da riqueza que é carregar essa coroa crespa em cima de minha cabeça e começo o processo da transição capilar.

Cortar os cabelos alisados é um processo complexo e doloroso, que faz parte de uma transformação que não é só física e estética, mas, sobretudo, identitária. Significa passar a ser olhada de forma atravessada pela família, que muitas vezes impôs à então criança negra o alisamento e a fez pensar que só assim seria aceita e considerada bonita socialmente (Gomes, 2019, p. 16).

A partir do momento em que você, enquanto uma mulher negra, passa pela transição capilar, você realiza uma movimentação que vai na contramão dos padrões estéticos hegemônicos reforçados pela branquitude e pelo racismo (Gomes, 2019, p. 16). O que não é um movimento fácil.

E é aí que eu conheço as tranças afros novamente e não só passo a utilizar como também me torno trancista. Ressignificando a utilização do adorno que antes servia como um mecanismo para esconder o meu cabelo crespo, a uma forma de liberdade capilar, movimentação antirracista e de identidade negra.

Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo (Gomes, 2019, p. 25).

Quando me torno trancista, me torno também uma disseminadora da memória e da cultura de trançar os cabelos (Santos, 2019). Este trabalho nasce da minha infância enquanto mulher negra de pele clara e cabelo crespo, também da minha inquieta vivência de trancista.

Este trabalho tem como objetivo uma análise crítica do conto partindo da protagonista e da realização de tranças africanas enquanto um ato de resistência, intimidade e identidade negra.

O presente estudo evidencia alguns caminhos de análise, cuja discussão se torna a cada dia mais urgente: a condição da mulher negra e com deficiência, numa sociedade pautada por um sistema patriarcal e branco que realiza uma prática de apagamento dos corpos dessas mulheres. A escolha desse conto se dá pela interseccionalidade com que a protagonista do conto tem seu corpo atravessado. O fato da protagonista, ser uma mulher negra e deficiente visual, e realizar uma trança na entrevistadora negra antes

de começar o diálogo, reflete uma potência ancestral e uma evidência de que a deficiência visual não é um fator determinante de capacidade.

É quase impossível pensar na produção literária de mulheres negras e não pensar em como esses corpos junto às suas escritas são invisibilizados. De acordo com Grada Kilomba (2019), a voz da mulher negra sempre foi o da subalternização, ela está no espaço de marginalização e silêncio. Indo contra a invisibilidade corpórea da mulher negra, está a escrita de escrevivência, um conceito de escrita que perpassa por um determinado grupo, sendo ele “negro, feminino e pobre [...]” (Evaristo, 2020, p. 38, grifo nosso). Tendo como principal discussão as vivências desse grupo, o objetivo da escrevivência é ir contra esse silenciamento. Conceição Evaristo, pioneira dessa escrita, desde muito nova se entende como mulher negra, levando a oralidade para os seus textos. Seus textos surgem em forma de denúncias ligadas aos seus ancestrais, evidenciando a violência social e dando voz às pessoas negras. É partindo de um pequeno espaço de escrita que a mulher “[...] escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se[...].” (Alves, 2010, p. 183).

*Insubmissa lágrimas de mulheres* (2011), de Conceição Evaristo, é um livro composto por 13 contos, todos eles com títulos de nomes e histórias ficcionalizadas de mulheres negras. Nesta obra, Conceição articula uma “insubmissão” ao espaço em que mulheres negras são sujeitadas pelo patriarcado. No livro, as mulheres que expõem os seus relatos de vida passam por dores, mas contam suas histórias em um momento de ressignificação potente de suas vidas.

Pensando nisso, esta pesquisa é de cunho bibliográfico e será realizada a partir de uma análise qualitativa. Assim, pretende-se iniciar a investigação compreendendo qual a contribuição do conceito de escrevivência. Em seguida, realiza-se uma análise crítica do conto *Mirtes Aparecida da Luz*, do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2021), escrito por Conceição Evaristo. A análise do conto será baseada em uma abordagem qualitativa, utilizando os estudos de Conceição Evaristo, Grada Kilomba(2019) e Carla Akotirene(2019), como fundamentação teórica para analisar as interferências nas relações sociais demarcadas pelas

diversidades passadas pela protagonista do conto e as dinâmicas do contradiscurso ao racismo problematizado pela escrita de escrevivência. Utiliza-se como referencial teórico os conceitos de escrevivência, de Conceição Evaristo, e de Interseccionalidade, de Carla Akotirene. Este, é um termo que serve como uma lente de aumento, que nasce do movimento feminista negro que deixou de entender a mulher apenas como uma categoria geral e passou a ressaltar as categorias específicas que estavam sendo invisibilizadas pelos movimentos que cercavam as políticas sociais. Além desses dois termos, elenca-se o conceito de Racismo Genderizado, de Grada Kilomba, que descreve o racismo cometido contra mulheres negras cujo cotidiano é perpassado por obstáculos que vão além do gênero e da raça, caminhando juntos nos descasos e interrupções sociais.

### **Conceição Evaristo: contribuições para a literatura brasileira**

A participação de pessoas negras, em específico mulheres negras, dentro de todos os espaços da sociedade é orientada por parâmetros culturais e sociais que envolvem desigualdade racial e de gênero. Não saindo desse padrão de exclusão, está a visibilidade da escrita de pessoas negras no espaço da literatura. O trabalho dos afro-brasileiros desde o período colonial sempre se fez presente em todos os espaços da atividade artística, mas nem sempre obteve o respectivo reconhecimento. No espaço da literatura, essa realização sofre impedimentos a sua divulgação, começando pela materialização do livro (Duarte, 2005).

Como marca de violência colonial, por meio da hierarquização racial, o epistemicídio dizima a construção de conhecimento daqueles que foram colonizados. Mignolo (2008) defende a desobediência epistêmica, como forma de ir contra a validação do cânone colonial europeu, sendo a escrevivência uma forma de resistência.

Essa escrita reflete as experiências de um grupo específico, resultante de uma prática literária criada por mulheres negras de origens periféricas. Assim sendo, a vida e a experiência desse grupo de mulheres, mostram-se primordiais para a escrita, tendo como objetivo o confronto da opressão e

apagamento que esse grupo vivenciou durante e após o processo de escravização de seus corpos. Logo, tem a sua especificidade e importância.

O termo *escrevivência* vem sendo abordado por vários estudiosos e pesquisadores da literatura afro-brasileira, que relacionam suas concepções sobre esse tipo de escrita à Conceição Evaristo. Ela se entendeu como mulher preta desde muito nova, mesmo que em sua certidão de nascimento tivesse sido declarada como “parda”. A sua autopercepção realizou-se, principalmente, pela sua condição de classe. Aos oito anos de idade Conceição Evaristo já havia iniciado os trabalhos como empregada doméstica, e também ajudava no cuidado das crianças vizinhas, sendo uma forma de juntar alguns trocados, enquanto estudava em escolas públicas e se dedicava à escrita. Toda a sua vivência reflete em suas escritas. Seus textos descrevem realidades ligadas à ancestralidade, denunciando a violência social e dando voz para as pessoas negras. Ela deixa isso explícito em uma entrevista para o canal *Leituras Brasileiras*:

Eu às vezes prefiro que as pessoas se liguem mais aos meus textos do que na minha biografia. Às vezes eu estou em algum espaço para falar sobre literatura e uma pessoa fala para eu falar sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho que não preciso falar, os meus textos já falam (Evaristo, 2020).

Seus textos têm uma característica particular de levar a oralidade para o texto, isso porque sempre esteve rodeada de histórias orais e não de livros. Conceição Evaristo teve seu primeiro contato com a escrita no primário por meio de redações escolares. Ela tinha o costume de ficcionalizar histórias para fugir da realidade em que se encontrava, tendo a escrita como uma forma de sobreviver. A primeira vez que Conceição fez um texto partindo de sua experiência foi em 1960:

Entretanto, creio que talvez o primeiro esforço meu para passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim, foi quando, também nos anos 1960, escrevi um texto que, hoje, vejo – naquela pequena crônica – a origem de texto do *Becos da memória*. O texto tinha como título “Samba Favela” e foi publicado em 1963 ou 1964, no jornal *O Diário*, e também em uma revista de um seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul. Era um texto que falava da vida na favela. Poderíamos pensar em uma crônica talvez (Evaristo, 2020, p.33).

Quando falamos sobre o significado do conceito de escrevivência, estamos dialogando acerca de uma concepção que está além da morfologia. Inicialmente, em uma entrevista concedida por Conceição Evaristo ao Nexo Jornal, no ano de 2017, ela deixou evidente que a sua intenção não era de criar uma concepção. Como ela estuda essa escrita desde 1995 em seu mestrado, o que ela fez foi apenas brincar com algumas palavras que permeiam a escrita, como, “escrever, viver, se ver” (Evaristo, 2017, p. 59). Suas escritas trazem humanidade aos personagens onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam e contornam a realidade de sua vida que se mistura com a ficção:

Minha escrevivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo de Minas Gerais. Vem dessa pele-memória – História passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança. [...] Venho insistindo também em misturar literatura e vida nos cursos que fiz, o de bacharelado e licenciatura em Português-Literatura, UFRJ, e o de Mestrado em Literatura Brasileira, na PUC/RJ (Evaristo, ITAÚ Cultural, 2019, *apud* Fonseca, 2020, p. 62).

Sendo, portanto, a escrevivência uma forma de preencher o vazio histórico e de transformar situações e imagens em uma escrita poética. Desde modo, Conceição Evaristo foi consagrada como uma das maiores personalidades da literatura brasileira.

Seu primeiro romance publicado em 2003, foi o livro *Ponciá Vicêncio*. A narrativa é escrita em terceira pessoa, e tem como enredo a história de uma mulher negra chamada Ponciá, que passa por todo o processo de escravização que seus ancestrais passaram. Esse é um livro que desenvolve uma história do cotidiano, partindo da personagem principal que sai de sua cidade em busca de tentar a vida em uma cidade grande. Alguns assuntos abordados no romance já se encontravam em outro livro seu, chamado *Becos da memória* (Evaristo, 2006), como, por exemplo, a mudança do campo para as cidades, a violência e a pobreza nas favelas e a dor que certas memórias causam nessas personagens negras. Em *Olhos d'água*, livro de contos publicado em 2014, Evaristo dá visibilidade e resgata a ancestralidade africana, que procura suas raízes familiares, desenvolvendo a

busca de uma identidade que surge através da pergunta: “[...] de que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2014, p. 15). Em 2015, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas pelo livro *Olhos d’água*. Em 2017, recebeu o Prêmio Cláudia na categoria Cultura. Já em 2018, publicou o livro *Canção para ninar menino grande*, nessa escrita é possível notar além da narração do processo de escrevivência de mulheres afro-brasileiras, a exploração do espaço masculino. Esse aspecto evidencia o apelo de investigar como ocorre a construção da masculinidade e da feminilidade na obra. Salienta-se que, todas as obras citadas acima possuem uma marca muito forte da escrevivência.

No mesmo ano de 2018, ganhou o Prêmio Revista Bravo, na categoria Destaque, o Prêmio do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Também foi agraciada no Prêmio Nicolás Guillén de Literatura, pela *Caribbean Philosophical Association* e no Prêmio Mestre das Periferias, pelo Instituto Maria e João Aleixo. Em 2019, foi a homenageada do 61º Prêmio Jabuti, como personalidade literária. Em 2023, foi contemplada com o Prêmio Juca Pato, como Intelectual do Ano, e reverenciada com o prêmio Elo, no Festival Internacional das Artes de Língua Portuguesa. Ela teve sua primeira publicação nos anos 90, quando passou a publicar seus textos na série *Cadernos Negros*. Vivenciando simultaneamente o espaço acadêmico, onde tornou-se mestra em literatura pela PUC/RJ e doutora em Literatura Comparada na UFRJ. Conceição Evaristo diz que por meio da participação no Movimento Negro, ela desenvolveu o conhecimento crítico sobre a questão racial, mas foi na universidade que conseguiu adquirir o “poder do saber”. Hoje ela entende que o espaço acadêmico é um espaço de militância, e que as pessoas consideradas subalternas devem estar dentro desses espaços para levar discursos e posicionamentos diferenciados.

Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira, no livro *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2018), trazem a concepção da escrevivência enquanto um espaço de escrita de mulheres negras em formato de emancipação e denúncia. Para Cortês (2018, p. 53), o termo escrito é o conceito, já que para ela, no texto de escritoras negras, existe o “desejo de que as marcas da

experiência étnica, de classe ou gênero estejam realmente representadas no corpo do texto literário” (Côrtes, 2018, p. 52).

A escrevivência também é identificada como uma maneira de expressão. Colocar em evidência as histórias de autorias negras que tiveram suas obras silenciadas, sendo um reflexo da escravização. Henrique Silva de Oliveira, diz que “essas escritas partem de um corpo negro que vive sua experiência no Brasil” (Oliveira, 2018, p. 73). Oliveira, tem um posicionamento que conversa com a concepção de Eduardo Assis Duarte, que traduz essa escrita como um processo que vai contra ao resultado causado pela diáspora sofrida pelo povo negro. Duarte (2018, p. 212) diz que Evaristo “segue a tradição da literatura negra da diáspora que impele os autores a falarem por si e por seus irmãos de cor historicamente emudecidos por sua condição de remanescentes da escravidão”. Além desses, existem outros estudiosos que trazem a escrevivência como pauta de pesquisa. Contudo, a escrevivência ainda possui a sua definição em construção, e que mesmo sendo múltipla, suas possibilidades dialogam entre si. O fato de um corpo negro estar no papel de protagonismo é considerado de modo intrínseco um mecanismo de denúncia.

### **Mirtes Aparecida da Luz: tranças, sentidos e escrevivência**

*Insubmissas lágrimas de mulheres* é um livro que foi escrito em um momento de insubmissão de Evaristo e, também como resposta à pesquisadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edileuza Penha de Souza, questiona se a vida das mulheres negras é só sofrimento, é só tristeza, não possui um final feliz. A partir de *Insubmissas lágrimas de mulheres* cria-se um contexto de insubmissão ao espaço subjugado pelo patriarcado para essas mulheres negras, pois as mulheres que compartilham seus relatos de vida passam por dores, mas estão contando essas histórias em um momento de ressignificação de sua história (Costa e Hillesheim, 2022, p. 518). Evidenciando encenações trágicas com vozes femininas combatendo a opressão. Publicado em 2016, pela Editora Malê (Rio de Janeiro), composto por treze contos, todos denominados por nome de mulher, sendo eles: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana

Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Existe a presença de uma violência simbólica e coletiva nas histórias dessas personagens, representando o sofrimento de todas as mulheres que em dado momento da história foram desumanizadas, silenciadas e violentadas. A violência resultante dessas encenações é entrelaçada ao machismo e ao sexismo, colocando a mulher negra em um espaço de subalternidade e vazio social.

Na vida da mulher negra existem pelo menos dois fatores que se tornam obstáculo e perpassam seu cotidiano, os fatores de raça e gênero andam lado a lado nessas interrupções e negligências sociais. “É como se as mulheres negras ocupassem um espaço de vácuo” (Kilomba, 2019, p. 97). Em seu livro *Memórias de Plantações*, Grada Kilomba traz consigo o termo Racismo Genderizado, para nomear o conjunto de opressões cometidas contra a mulher negra. Para exemplificar o termo, ela relata a situação em que um médico homem, cisgênero, heterossexual e branco, está atendendo uma paciente que é uma mulher negra. No meio do atendimento, ele tem a ideia de fazer a proposta para ela atuar como doméstica em uma viagem junto com sua família.

Partindo desse cenário, Grada Kilomba faz algumas mudanças, alterando os gêneros e raça dessas duas pessoas, desenvolvendo suposições e questionamentos. Será que a relação de quem serve e quem é servido, seria a mesma? Tendo em vista que o movimento feminista ocidental procurou equiparar as prepotências do sexismo às do racismo, desconsiderando a branquitude. No caso, as mulheres brancas detém o privilégio de serem brancas e os homens negros de serem homens.

Em *Mirtes Aparecida da Luz*, conto presente no livro *Insubmissa lágrimas de mulheres*, a protagonista possui o mesmo nome. Esse conto é construído a partir da demarcação de território e aterramento de posicionamento, deixando evidente a força cultural de uma ancestralidade, que, a partir da memória e do relato pessoal, vai tomando corpo e estrutura, agrupando outras histórias/vidas, em uma crescente composição marcadas pela oralidade.

O conto é narrado em terceira pessoa e inicia com Mirtes Aparecida Da Luz, nome que pode ter como referência duas santas católicas. Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil e a Nossa Senhora Da Luz que gerou em seu ventre Jesus Cristo.

A primeira, Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil, santa negra, foi encontrada por pescadores, no século XVIII, no Rio Paraíba, e, simbolicamente, deixou-se encontrar, em forma de imagem, ao aparecer na rede de pescaria lançada ao rio pelos pescadores. A segunda santa, Nossa Senhora da Luz, corresponde a Maria, que concebeu, em seu ventre, Jesus Cristo. Segundo ensinamentos bíblicos, Nossa Senhora da Luz simboliza a estrela que orientou e cuidou com amor materno de seu filho Jesus e, do mesmo modo, guia e ilumina o povo ao encontro do salvador Jesus Cristo, filho de Deus e luz do mundo. (Soares; Cunha, 2021 p. 121)

Da Luz( nome como a protagonista gosta de ser chamada) além do nome ela tem a resistência dessas santas, literalmente dá a luz a sua filha, a cria com zelo, orienta e com toda a história que relata mostra a sua luz que não se apaga por nada. Ela é uma mulher negra e cega, o conto começa com a recepção da sua entrevistadora e Mirtes contando um episódio de sua história. Mas não se engane, Da Luz não entregaria a sua história sem antes ter um processo de aproximação com a ouvinte que a entrevistava. Esse processo é marcado pelo ritual de mostrar toda a casa, dar uma volta pelas redondezas e fazer duas belas tranças nagôs em sua ouvinte, idênticas às que ela já havia feito em si mesma. Depois disso ela sentiu que as duas estavam aptas para a história que iria compor uma cena de som ambiente.

Outra escrita da Conceição Evaristo que fala sobre a trança é o seu poema “ Para a menina”(2022). Nesse texto ela fala como o ato de trançar é um ato de intimidade e cura:

Desmancho as tranças da menina e os meus dedos tremem medos nos caminhos repartidos de seus cabelos. Lavo o corpo da menina e as minhas mãos tropeçam dores nas marcas-lembranças de um chicote traiçoeiro. Visto a menina e aos meus olhos a cor de sua veste insiste e se confunde com o sangue que escorre do corpo-solo de um povo. Sonho os dias da menina e a vida surge grata descruzando as tranças e a veste surge farta justa e definida e o sangue se estanca passeando tranquilo na veia de novos caminhos, esperança.(Evaristo, 2022, p. 127)

O cabelo, por si só, é apenas cabelo. Mas, em conjunto às ideias, transpassa pela linguagem humana como um agente de ordens

performativas e estéticas que firmam enunciações. Deste modo, o cabelo torna-se um importante símbolo da presença africana e afro-brasileira na ancestralidade e na genealogia de quem o possui (Gomes, 2019, p. 14).

Sim, um simples fio de cabelo diz muito. A antropologia e a história dos corpos nos revelam o quanto o cabelo assume lugar de importância nas mais diferentes culturas e no contexto das técnicas corporais (Gomes, 2019, p. 14).

Em dado momento, a protagonista realiza duas tranças nagô no cabelo da entrevistadora, que também é uma mulher negra.

[...] horas depois de me mostrar toda a casa, de me chamar para um passeio pelas redondezas, de fazer duas belas tranças nagô em meus cabelos, do mesmo jeito que estavam penteados aos dela, Da Luz me conduziu ao seu quarto (Evaristo, 2024, p.82).

Esse momento demonstra um ato de muita intimidade e simbolismo entre duas mulheres negras. Sendo essa prática de trançar o cabelo carregada de ancestralidade familiar.

Saber adornar o cabelo com penteados trançados não é nenhuma novidade para muitas mulheres negras, pelo contrário, estilizar os cabelos com tranças é uma prática do íntimo, normalmente aprendida no contexto familiar ou em outros espaços de sociabilidades negras (Santos, 2019, p. 64).

No Brasil as tranças tiveram suas primeiras aparições durante o processo da vinda de pessoas negras escravizadas, e por muito tempo ficaram marcadas pelo olhar de inferiorização do colonizador ao corpo negro escravizado (Coutinho, 2010, p.59). No decorrer dos anos, o ato de trançar os cabelos percorreu uma direção diferente, voltada para a valorização da pessoa negra.

É interessante observar que a prática milenar de trançar os cabelos, trazida pelos escravizados, passa agora a ter um novo significado. Segundo a matéria “Beleza Pura: A nova transa das tranças”, publicada pela revista Manchete, os brasileiros tomam conhecimento desta moda devido à influência trazido dos Estados Unidos, já que os norte-americanos começam a pentear os cabelos com miçangas e búzios, como informa Borges (1980, p. 71). “A moda pegou por ser, acima de tudo, uma manifestação cultural”. (Coutinho, 2010, p. 59)

O ato de trançar de Da Luz está interligado a ancestralidade compartilhada entre duas mulheres negras. Trançar os cabelos representa

diversos valores estéticos e afetivos do universo afro-brasileiro (Santos, 2019, p.70). Assim, enquanto Da luz realiza a trança, ela expõe sua história individual, como também propaga o corpo memória e histórico através do ato de trançar. E por qual motivo ela escolheu realizar duas tranças nagôs e ainda iguais as dela?. A trança nagô, também conhecida como trança raiz, é uma trança que é realizada com três mechas, todas rentes à raiz do cabelo. E frequentemente ensinadas dentro de um contexto familiar de mulheres negras ou por mulheres negras que ocupam um espaço de intimidade em suas vidas.

[...] ficamos convencidos do papel crucial das mulheres negras na continuidade do desse fazer, em muitos casos aprendidos com suas mães, avós, tias, primas, irmãs e vizinhas. Entendemos que o ofício de trançar cabelos extrapola a esfera doméstica dessas mulheres e ganha força como ferramenta de luta contra os modos de racismos que estabelecem nos corpos negros o local de feiura e invisibilidade.( Santos, 2019, p.135).

Seria talvez a realização dessas duas tranças nagôs uma simbologia dessas duas mulheres em um momento de enraizamento, troca de forças e resistência identitária, um apoio mútuo frente a pesada história que estava por vir. De acordo com Leda Martins, os atos performativos que partem do corpo está interligado não apenas a um único e simbólico sentido.

Minha hipótese é a de que o corpo em performance é, não apenas, expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento conhecimento, este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; no solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem. Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas com hábito mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc.( Martins, 2003 , p.66)

A realização de uma trança é um ato performático interligado a um conjunto de fatores. As tranças são um instrumento de identidade e resistência negra. De acordo com Cassi Ladi Reis Coutinho (2010), um adorno poderia simbolizar o espaço econômico e social ocupado por uma pessoa que estivesse usando as tranças, assim como representava as formas encontradas no meio natural. O cabelo é um sofisticado “sistema de linguagem” (Coutinho, 2010, p. 71).

No decorrer desse diálogo entre as duas mulheres negras, a entrevistadora passa a desenvolver alguns pensamentos, como “A proposta para que eu imaginasse como seria um filho dela me pegou de surpresa, pois, até então eu não havia concebido a ideia que Da Luz pudesse ser mãe”. (Evaristo, 2024, p. 83). Esses pensamentos espelham a opressão e o capacitismo que partem do pressuposto de que pessoas com deficiência, não podem ser “capazes” (Gesser; Böck; Lopes, 2020, p. 18). A inserção de pessoas com deficiência sempre haverá problemas, mas Mirtes encontrou outro caminho.

Da Luz começa sua história pelo seu antigo parceiro, pai de sua filha. Por mais que ele fizesse parte dessa história, em nenhum momento ela cita o nome dele. Ele não ocupou um espaço de protagonismo, quem deve ocupar esse espaço é ela em sua história. Até porque esse relato não era somente sobre o abandono de seu parceiro, mas também sobre o processo da gestação e nascimento de sua filha Gaia da Luz. Sendo a relação materna um forte ponto no conto. Quando Mirtes descobre a gravidez ela evidencia um sentimento de felicidade e de muita expectativa, sendo esse sentimento não necessariamente natural. O sentimento materno ideal é uma construção social.

Ariès (1986); Badinter (1985; 2011); Moreira (2009) entendem a maternidade como uma construção social enraizada simbolicamente, variando segundo diferentes contextos históricos, sociais, econômicos e políticos. Partem, portanto, da ideia de que, historicamente, o valor dado à maternidade, à relação mãe-criança e ao amor materno nem sempre foi o mesmo, sendo que as variações que as concepções e atitudes relacionadas à maternagem apresentam, são produzidas por uma série de discursos e práticas sociais. (Resende, 2017, p. 175)

Porém o sentimento de Da Luz frente às circunstâncias de se tornar mãe era muito positivo. Mesmo com o abandono de seu companheiro, ela via no nascimento da filha um momento entre ela e sua filha, um espaço de fortalecimento. O mesmo se aplicou ao crescimento da filha, mostrando uma relação materna muito potente e oposta à construção patriarcal.

Vemos ao longo do conto que, apesar das ações da mulher estarem relacionadas ao homem, seu companheiro, ela não se deixa consumir pelo abandono ou ‘punição’ por parte do pai de sua

filha. De modo a ir na contra mão do discurso machista/patriarcal, Mirtres Aparecida da Luz se fortalece enquanto mulher sozinha e, dá continuidade a sua vida ao lado de sua filha, contradizendo tudo aquilo que foi imposto socialmente dentro de um discurso 'equivocado', de que a mulher é frágil e sem valor quando não tem um homem ao seu lado (Menegon; Nóbrega, 2022, p. 197)

Tanto que o próprio nome da filha evidencia a relação de seu nascimento a um momento de fortaleza. Gaia que provém da Deusa grega Gaia, a Deusa primordial da terra.

Pela força simbólica que representa seu nome, Gaia estabelece relações com a deusa grega primordial, divindade nascida do caos, que gerou a si e ao mundo, ao mesmo tempo correspondendo a um complexo sistema que envolve atmosfera terrestre, a biosfera, os oceanos, o solo, ou seja, a representatividade do planeta Terra (Soares; Cunha, 2021 p. 194)

E a “Luz”, é o oposto da escuridão, é renascimento e brilho.

Os dois estavam juntos e felizes, porém, quando a ideia de ter um bebê veio à tona, seu parceiro mudou. No período da gravidez ela estava decidida, estava bem com a ideia de materializar a união dos dois genes em um pequeno ser, mas o pai de sua filha estava trêmulo com a ideia. Talvez ele não conseguisse imaginar a semelhança marcada de sua parceira refletida em um pequeno DNA seu.

Seria esse pensamento capacitista um reflexo do processo de eugenia no Brasil? Gesser, Böck e Lopes, no artigo *Estudos da: anticapacitismo e emancipação social* (2020), afirmam que:

A eugenia, também chamada de ciência do bem-nascido, foi desenvolvida como um meio para “melhorar” racialmente a herança genética humana. A eugenia positiva consistiu em um programa para incentivar as pessoas consideradas com boas qualidades genéticas a terem muitos filhos “sadios” e “sem defeitos” (Gesser; Böck; Lopes, 2020, p. 21).

O movimento eugenista criou um conceito biológico de raça superior ou inferior, discriminou e excluiu determinados indivíduos a partir da configuração de um ideal de ser humano, utilizando-se de argumentos tidos como científicos para tal (Mai e Angerami, 2005, p. 254).

Quando a bolsa estourou e a vida se fez em seu primeiro respiro, a morte se fez o último. Seu companheiro e genitor de sua filha deixou ambas em pensamentos confusos, em que a única razão para o tal ato dele se

tornar a face da morte, uma incógnita que não passará de respectivas presunções que nunca terão respostas.

A escolha do conto se dá pela análise interseccional da personagem principal, que é uma mulher negra e cega. Além disso, sobressai na narrativa o ato da mulher entrevistada realizar uma trança nagô na entrevistadora. Esse momento retrata um símbolo de resistência e aproximação entre duas mulheres negras. A luz de Mirtes não se limita aos olhos, pois, na verdade, nasce de seus conhecimentos ancestrais e sabedoria. Mirtes Aparecida não se deixa conduzir. Ao contrário, toma a frente e conduz até a narradora quando foi ao seu encontro.

A interseccionalidade é um conceito que foi nomeado em 1989 pela Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense. De acordo com ela a interseccionalidade propõe um abraço simultâneo frente aos processos de discriminação, ou seja, existe a busca de compreensão dessas violências sociais ocorridas de uma forma individual, não realizando a soma de uma nome discriminação, mas sim realizando uma análise das condições específicas de resultam delas.

Não raro, alguns estudos acerca da interseccionalidade consideram que ela surgiu entre as décadas de 1980 e 1990 nos Estados Unidos. Portanto, é recorrente que os históricos sobre o conceito partam das contribuições altamente relevantes de Kimberlé Crenshaw, que, em verdade, é responsável por nomear e por produzir pesquisas que contribuíram para a melhor compreensão do conceito e da sua popularização no mundo acadêmico. A autora tem diversas pesquisas nas quais é possível observar de que forma a interseccionalidade surge enquanto uma metáfora (1989), passa a ser entendida como uma categoria analítica (1991) e um conceito provisório (1997) (Kyrillos, 2020, p.07).

No livro *Interseccionalidade* (2019), escrito por Carla Akotirene, a interseccionalidade é descrita como um sistema de opressão interligado. Trata-se de um sujeito social que pode ser afetado por um conjunto de fatores. A mulher negra é afetada por ser negra, mulher e ainda pode ter um reflexo de classe social. Esse é apenas um dos exemplos, porque a interseccionalidade atravessa um conjunto de sujeitos que são considerados “não humanos”. No caso da personagem principal do conto de Evaristo, além de ser uma mulher negra, ela é cega. Todas essas condições são vistas de maneira horizontal.

Sendo assim, não apenas o racismo precisa ser encarado como um problema das feministas brancas, mas também o capacitismo como problema das feministas negras cada vez que ignoramos as mulheres negras que vivem a condição de marca física ou gerada pelos trânsitos das opressões modernas coloniais: sofrendo o racismo por serem negras, discriminadas por serem deficientes. Portanto, na heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento está interceptado pelas estruturas (Akotirene, 2020, p. 29).

Ressaltando em muitos momentos um certo preconceito acometido pela entrevistadora, refletindo o pouco conhecimento sobre a cegueira, no que se refere às capacidades da protagonista: “Da Luz veio me abrir a porta, no mesmo instante em que eu dava as primeiras pancadinhas, tal foi a desenvoltura dela, que cheguei a duvidar de que a moça não enxergasse tanto quanto eu “(Evaristo, 2024, p. 81).

A capacidade de Da Luz evidencia a perplexidade da narradora ao dialogar com ela. A narradora confessa pré-julgamentos existentes no meio coletivo, que são vestígios das colonialidades. “Como acompanhar o olhar de Da Luz? Como saber para onde estava olhando? E, talvez adivinhando as minhas dúvidas e mesmo o meu constrangimento [...]” (Evaristo, 2024, p. 82).

O que seria, afinal, a cegueira? Estaria a sociedade atual com a percepção prejudicada frente à fragmentação da identidade humana? A cegueira em Da Luz indicaria a necessidade de ver além das aparências impostas pela realidade? Ou talvez seja uma forma de denunciar a invisibilização de certos grupos sociais, marginalizados por questões de gênero, deficiência, classe, religião e etnia?

Indo sempre contra a construção eurocêntrica que coloniza o saber e cria estereótipos dos corpos que fogem de um padrão branco, homem e heterossexual, a interseccionalidade é um termo que serve como uma lupa, que nasce do movimento feminista negro que deixou de entender a mulher como uma categoria geral e passou a ressaltar as categorias específicas que estavam sendo invisibilizadas pelos movimentos que cercavam as políticas sociais, como o movimento negro que só dava visibilidade ao homem negro e o feminismo que dava visibilidade apenas para mulheres cisgênero, heterossexuais e brancas.

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (Akotirene, 2019), investigando como as relações interseccionais de poder interferem nas relações sociais demarcadas pela diversidade. Para Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), a interseccionalidade entende como produto analítico as categorias de raça, gênero, orientação sexual, capacidade, etnia e faixa etária.

Da Luz nasceu com deficiência visual devido a uma doença contraída por sua mãe durante a gravidez, o que fez com que ela não tivesse lembranças visuais. Seu marido, embora presente e consciente de suas responsabilidades como pai, não compreendia plenamente o universo de Da Luz. Ele vivia com medo de que o filho nascesse cego, o que refletia sua dificuldade em aceitar a completude da esposa em sua condição. Talvez por visualizar Da Luz como vítima, acreditando que a cegueira a limitava e a colocava em um espaço de inferioridade ou insuficiência, não acreditando que a companheira era um ser que possuía limitações, como qualquer outra pessoa, e que isso não a tornava inferior. Enquanto Da Luz celebrava a gravidez, ele experimentava o receio da vinda do bebê.

Durante os nove meses, desde o momento em que nos percebemos grávidos, ainda no primeiro mês, meu companheiro talvez desenhasse, na amedrontada imaginação dele, uma criança que poderíamos ter. Aparentemente tranquilo, entretanto, era visível a interrogação dele. Como seria nossa criança? O que ela herdaria da mãe? Nas carícias em minha barriga, na arrumação do quarto para o nosso bebê, era possível apreender seus gestos trêmulos e seu ar temeroso (Evaristo, 2024, p. 84).

Tentando oprimir essa angústia, o pai da filha de Mirtes Aparecida comete um suicídio. Ele tanto não conseguia visualizar essa herança genética em sua futura filha, que preferiu escolher a morte. Gaia nascia e o pai dela aspirava à morte, em nossa casa, trancando-se propositalmente na cozinha invadida pelo gás aberto por ele (Evaristo, 2024, p.85).

Para Da Luz, a ausência de seu companheiro deixou um vazio repleto de tristeza e dúvida de não saber o motivo latente que o impulsionou a tomar essa atitude desesperada, fruto de uma “eugenia negativa”<sup>1</sup> (Gesser; Böck;

---

<sup>1</sup> O que é eugenia negativa? O movimento da eugenia que foi uma prática de seleção artificial, pensado na segregação de pessoas consideradas não “normais” ou inferiores. A partir desse

Lopes, 2020, p. 20). Sendo a eugenia negativa uma prática promovida através de programas e leis para proibir as pessoas com características genéticas consideradas inadequadas a terem filhos. A procura angustiante do ser humano pela melhor seleção física e psicológica dele próprio e de sua descendência, resultou na eugenia.

E foram esses os sentidos assumidos ao final do século XIX quando, em 1883, Francis Galton procurou enunciar essa preocupação em torno do bom-nascimento com o termo eugenia. Utilizando-se dos conhecimentos de Malthus, Lamarck, Darwin e das ideias circulantes na Inglaterra da época, Galton definiu eugenia como o "estudo dos fatores físicos e mentais socialmente controláveis, que poderiam alterar para pior ou para melhor as qualidades racionais, visando o bem-estar da espécie". (Mai e Angerami, 2005, p. 252)

As medidas para a diminuição de pessoas consideradas não eugênicas eram feitas através de anticoncepcionais e de esterilização. Um dos grupos que compunham os seres considerados não eugênicos eram as pessoas de classes mais desfavorecidas e empobrecidas da população, compostas prioritariamente de pessoas não brancas, os quais eram considerados por muitos eugenistas como elementos inferiores (Mai e Angerami, 2005, p. 254)

## **Considerações finais**

Trançar: o ato de arrancar dores ou passar histórias a fim de curar.

No conto *Mirtes Aparecida Da Luz*, debrucei-me a tentar entender como o ato de Da Luz de realizar adornos em sua entrevistadora aparecem. Podemos analisar que o trançado não é apenas um trançado, ele está além do ato físico de somente trançar. Essa é uma prática que pode ser analisada como patrimônio cultural imaterial (Santos, 2019). Trata-se de um momento de intimidade. Beatriz Nascimento, em seu livro *Uma história feita por mãos*

---

entendimento observa-se o surgimento da negativa, que visava a diminuição do número dos seres não eugênicos ou disgênicos e incluía a proibição ao casamento e reprodução daqueles assim considerados.

*negras*, diz que através do ato de trançar criamos “quilombos”. E diferente de cabeleireiras(os), a trancista realiza um resgate psicossocial, consequência do “racismo estrutural” (Kilomba, 2019, p.77), que está presente nas entranhas da sociedade brasileira. Da Luz realiza as tranças na entrevistadora na intenção de desenvolver uma aproximação, um espaço de conexão e ancestralidade entre duas mulheres negras.

Sentidos: Atravessamento interseccional da escrevivência.

No desenvolvimento da pesquisa pode-se observar como o corpo da personagem principal Da Luz, mulher negra e deficiente visual, acaba sendo atravessado por várias condições que interferem nas suas relações sociais, como reflexo sistemático da inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado (Akotirene, 2019). O pavor e angústia acentuados do companheiro de Da Luz de gerar um filho cego, só deixa nítido como o capacitismo de seu companheiro, juntamente às outras interfaces que rodeiam Da Luz, colocavam ela em um espaço de inferioridade ou insuficiência. Da Luz não é menos, ela é completa e ela deixa evidente isso ao dizer: “Tenho, no meu corpo, a minha completude, que é diferente da sua. Um corpo não é só olhos” (Evaristo, 2024, p. 82). Ser “incompleto” é não fazer parte de um padrão de “normal” preestabelecido socialmente pela eugenia?

O ser mulher negra é uma categoria que também é analisada no conto. Mulheres negras ocupam um lugar crítico dentro da teoria (Kilomba, 2019, p. 97). A partir disso mostra se a necessidade de se implementar a perspectiva interseccional para desenvolver a emancipação social dos sujeitos através da transversalidade da deficiência com questões de gênero, sexualidade, raça, idade, classe social e outros eixos de articulação (Gesser; Böck; Lopes, 2020, p. 29). A escrita de escrevivência no conto *Mirtes Aparecida Da Luz*, articula essa transversalidade, entre raça, gênero e deficiência.

Escrevivência: Costura e entrelaçamento ancestral.

Quando o conceito de escrevivência partindo de Conceição Evaristo, me foi apresentado, eu interpretei a escrevivência como uma trança africana.

A trança precisa de três mechas para a sua realização e a escrevivência é composta por três elementos, o eu, a ficção e o nós.

As tranças, igualmente a escrevivência, são práticas potentes, que não são realizadas e nem nascem sozinhas, elas nascem em conjunto. A escrevivência no espaço literário abre portas às denúncias de um povo, a fim de visibilizar esse corpo. São as vozes de mulheres negras que falam sobre suas possibilidades, dores e vivências do seu cotidiano. Conceição Evaristo assume sua escolha política e leva o leitor a reflexões acerca dos governos e das estruturas de poder instituídas (Costa e Hillesheim, 2022, p. 510). A escrevivência rompe com essa lógica de exclusão de mulheres na literatura, a partir do momento em que ela realiza a publicação no formato de escrevivência, tratando de questões sociais, raciais e de gênero, demarcadas por um discurso político e social. Através da escrita da escrevivência pode-se abrir mais espaços para as mulheres negras na literatura. A Escrevivência, de Conceição Evaristo, dá voz, ela funciona como um mecanismo de resistência, dando visibilidade aos corpos negros, e, principalmente, às mulheres negras.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 181–190, 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>. Acesso em: 12 fev. 2025.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pólen Livros, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CÔRTEZ, Cristiane. **Diálogos sobre escrevivência e silêncio**. In: DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 51-60.

COSTA, Sheryl Andreatta da; HILLESHEIM, Betina. Ser mulher negra: existência e resistência nos contos de Conceição Evaristo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, p. 505–522, jan. 2022. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/361695273\\_Ser\\_Mulher\\_Negra\\_Existencia\\_e\\_Resistencia\\_nos\\_Contos\\_de\\_Conceicao\\_Evaristo](https://www.researchgate.net/publication/361695273_Ser_Mulher_Negra_Existencia_e_Resistencia_nos_Contos_de_Conceicao_Evaristo) . Acesso em: 23 out. 2024.

COUTINHO, R. L. Cassi. **A estética do cabelo crespo em Salvador**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

DUARTE, Assis, E. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rodrigues. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Edição especial. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 7. ed. Belo Horizonte: Malê, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, (org.) 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GESSER, M.; BOCK, L. G.; LOPES, H. P. **Estudos da deficiência: antipacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.

GOMES, L. Nilma. **Sem perder a raiz**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOPKE RESENDE, Deborah. Maternidade: uma construção histórica e social. **Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, p. 175-191, jul./dez. 2017.

KYRILLOS, Gabriela M. “Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020.

LEITURAS BRASILEIRAS. Conceição Evaristo: **Escrevivência**. YouTube, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY?si=uBe5iT1QXHnbsSF8>. Acesso em: 23 out. 2024.

MARTINS, Leda. Performances de oralituras. Disponível em: [https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/05/Leda-Martins\\_-performances-de-oralituras.pdf](https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2020/05/Leda-Martins_-performances-de-oralituras.pdf). Acesso em: 12 fev. 2025.

MAI, Lilian Denise.; ANGERAMI, Emília Luigia Saporiti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 14, p. 251-258, abr. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000200015>. Acesso em: 23 out. 2024.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: "Escrevivências" em **Becos da memória**. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 71-80.

PINHEIRO, M, Patrícia; NÓBREGA, S. S. M. Maria. Tessituras de sombras no olhar materno no conto "Mirtes Aparecida da Luz", de Conceição Evaristo. **Igarapé – Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade**, v. 15, n. 3, p. 188-198, 2022.

SANTOS, D. B. Luane. Entre tramas e adornos: o legado africano de trançar os cabelos por uma perspectiva do patrimônio cultural. **Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura**, v. 06, p. 63–75, jan. 2019.

SANTOS, L. B. DOS. Bens Culturais afro-brasileiros: o ofício de mulheres negras trançadeiras em debate. **Revista Eixo**, v. 8, n. 2, p. 126-137, 17 dez. 2019 DOI: <https://doi.org/10.19123/eixo.v8i2.583>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SOARES, Deivanira Vasconcelos; CUNHA, Eronilde dos Santos. Voz e (re)existência feminina negra nos contos "Aramides Florença" e "Mirtes Aparecida da Luz", de Conceição Evaristo. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 29, p. 181–197, 2021. DOI: [10.11606/issn.1984-1124.i29p181-197](https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171816). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171816>. Acesso em: 12 fev. 2025.

